

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.037

Domingo, 9 de Abril de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa-Telefones 5339-0

Officinas de Impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

## PRINCIPIA-SE A FAZER JUSTIÇA

113 operários dos que se encontram detidos nos fortes de S. Julião da Barra e de Sacavém já foram postos em liberdade. Entretanto muitos sofrem ainda a tortura da prisão.

Outras prisões se efectuaram ultimamente devido à greve geral. Por distribuir manifestos, por convidar os seus camaradas a largar o trabalho, muitos operários se encontram agora na prisão.

O operariado deve conservar-se vigilante, preparado para lutar pela libertação dos seus camaradas!

Não se deve descansar enquanto nas prisões houver um preso só, que seja!

Estamos convencidos de que em breve todos os presos por questões sociais estarão em liberdade. Porém, enquanto o facto não estiver consumado, os trabalhadores não devem desarmar.

Que não fique em meio a tardia justiça que se começou a fazer!

### Justiça que se inicia

A' hora a que traçamos estas linhas cerca de cinquenta presos por questões sociais acabam de ser postos em liberdade e temos informações seguras de que, durante o dia de hoje, todos ou quasi todos terão igual destino.

Não era sem tempo. Cerca de um mês durou a sua clausura. Um mês de tortura e de privações para os presos e para as famílias.

Foi preciso que a Batalha durante esse mês, dia a dia, proclamasse a inocência desses presos; que comissões gastassem passadas inúmeras, sabendo e desdenhando as escadas dos ministérios; que a indignação da classe operária fosse crescendo; que os presos fizessem ecoar o seu justo protesto, lançando-se heroicamente numa greve de fome; e por fim que a U. S. O. declarasse a greve geral para que as autoridades se convencessem de que aqueles operários estavam ilegalmente presos.

Tentou o governo por todos os meios amordaçar a indignação do povo, cercando-lhe todas as liberdades.

Não consentiu a realização do comício que a União dos Sindicatos Operários quiz realizar no Parque Eduardo VII; impediu uma manifestação ao presidente da república; não deixou circular o número de A Batalha que dava a notícia da proclamação da greve geral — mas o operariado manifestou-se; mas a greve, a comição hesitante e deficiente, tomava alento, revigorava-se com a perseguição e ameaçava atingir a sua plenitude na segunda-feira.

A greve não foi o que desejávamos. Porém, se atendermos às mil contradições e obstáculos que lhe atravessaram no caminho, hemos de concordar que o protesto foi grande, ouviu-se e teve o seu efeito benéfico.

Poderiam as portas das prisões não se ter aberto ainda para dar a liberdade a um grande número de presos; poderia o governo persistir na sua teima incoerente, que a acção de protesto do proletariado marcava alguma coisa de grande, pelo menos o dever de solidariedade seria cumprido.

A indignação alastrava; a perseguição metódica, fria, sem razão que a justificasse, que se exercia, vinha irritando todos os que amam a justiça e a liberdade; a explosão da cólera estava para breve e bem andaram as autoridades em começar a libertar os presos, que mantinham nos fortes há um mês, sem culpa formada.

Bem andaram as autoridades por que conseguiram com o seu gesto, embora tardio, evitar dissabores, lutas, prejuízos, que a anormalidade da situação certamente provocaria.

Este governo, que desde a sua subida ao poder outra acção não teve senão a de irritar questões e descontentar a todos, pela primeira vez, pondo os presos em liberdade, teve um gesto feliz. Entretanto para conseguir esse gesto, que devia ter vindo após os oito dias da lei que deveriam ter durado as prisões, foi preciso tanto ruído, tanto protesto, tanto sacrifício e agitação.

Devido à greve geral as autoridades, como é hábito nestas ocasiões, procederam já a várias prisões. Com a saída dos presos que estavam nos fortes a causa do movimento vai cessando. É necessário que os seus efeitos cessem também, é preciso que as últimas prisões não se mantenham também. O operariado que se conserve vigilante. Embora perto do fim ainda não chegámos ao fim.

### Um abuso

Anteontem, já noite, fomos surpreendidos com o prego de A Batalha, feito nas ruas próximas daquela onde estão instaladas as nossas oficinas, sem que quem de direito a houvesse editado.

Impedida A Batalha de sair na hora própria, graças à arbitrariedade do governador civil, com o fim de evitar que a classe operária tomasse conhecimento pelo seu órgão de que a greve geral havia sido proclamada, uma comissão do jornal iniciou demarches junto do governador civil, durante o dia, primeiro para protestar contra o seu acto arbitrário e conhecer os motivos porque esse acto foi praticado; e segundo, porque precisávamos saber em que lei vivíamos.

Passaram-se as horas, chegou-se ao fim da tarde e portanto ao momento em que já era inútil fazer sair um jornal cuja especial leitura teria interesse só de mania.

A' noite, ou se publicaria um suplemento com os casos do dia e as necessárias exortações ao proletariado, ou não se publicaria coisa alguma. Dada a impossibilidade material de fazer sair o suplemento, optámos pela última solução.

Mas, para a tipografia da Associação dos Compositores, havia ido da casa da máquina a primeira página do número de anteontem. Alguém, sem nossa autorização nem o nosso conhecimento, e aproveitando aquele facto foi àquela oficina e abusivamente fez imprimir a primeira página com um a última hora injustificável, mandando aquela folha para a venda da rua, como se, de facto, a determinação parisse da administração do jornal.

Abstemo-nos de qualificar o insólito acto. Limitamo-nos a apresentá-lo ao Conselho Confederal, que reclinou, tendo nomeado uma comissão para saber quais foram as criaturas que cometeram o inqualificável abuso e inquirir das suas intenções.

Pela nossa parte e por agora só constatamos este facto triste e desolador: a nenhuma noção de responsabilidade e a absoluta falta de respeito pela organização que está caracterizando elementos que poderiam ser aproveitáveis se possuíssem boa fé e lealdade.

### Ainda a pena de morte

Com o título — Uma adepta de Cunha Leal, publicámos uma nota no número de 2 do corrente, comentando o facto de uma professora ter levado os seus alunos a manifestar-se sobre a pena de morte.

Essa senhora enviou-nos a carta que abaixo inserimos. Gostosamente o fazemos, pois agradamos a sua repulsa por aquela penalidade. E se não fica inteiramente do pé o que comentamos, o certo é que crianças de tenra idade não podem manifestar-se sobre questões graves, melhor sendo-nem sequer apresentar-lhas:

Sr. Redactor: — Tendo eu lido uma local em A Batalha, do dia 2 do corrente, em que sou alvejada, pela errada interpretação que alguém deu às minhas palavras, desejo que V. m. como meu digno director desse jornal, tomasse a devida conta o seguinte assunto:

É verdade que eu, localizada no assunto A pena de morte, mas unicamente para inquirir o que existia de sentimentalismo nos meus alunos, dando-lhes uma lição de moral e também de humanidade, fazendo-lhes ver o que resultaria de bárbaro e perigoso na aprovação dum tal projecto e nunca coagindo-os a serem pró ou contra o que para as crianças é ainda incompreensível.

Quem, como eu, condena abertamente o tão fatal projecto, não é, nem reacção, nem adepta desta nem daquella qualquer opinião que repugne a caracteres rectos e bem intencionados. Assim, pois, ficar-lhe-á muito grata e reconhecida se, nas colunas do jornal de que V. é digno redactor, ler um formal desmentido ao que me imputaram, por meio da inserção do que exponho.

Saúde e Fraternidade.  
Amélia Augusta da Silva, professora da Escola n.º 24, ao Beato.

### Pró-presos por questões sociais

## A GREVE GERAL DE PROTESTO

### A BATALHA impedida de circular

Foram postos em liberdade 113 operários que se encontravam encarcerados nos fortes, sem culpa formada.

Terminou na tarde de quinta-feira a greve da fome no forte de Sacavém. Convm esclarecer a razão porque este gesto heroico e desesperado foi suscitado. Se o gesto foi tam sublime que desnecessário se tornou encarecê-lo, a paralisação da greve obedeceu a intuições nobres e elevadas. Mas uma vez se demonstrou como a moral no meio operário está de acordo com todos os puros sentimentos de humanidade. A maioria dos presos, com a saúde depauperada por um encarceramento prolongado, portou-se sempre de acordo com a resolução tomada. Porém as sincoas sucediam-se com extraordinária e aterradora frequência. Eram os mais robustos, os que estavam no aspecto doloroso dos seus camaradas, os que tentaram dissuadir de persistir no seu intento. No entanto, a recusa dos mais débeis foi séria, lacrimosamente negativa. Decidiram-se a modificar a atitude a deliberação corajosa das famílias que deliberaram entregar-se à prisão. Só então a greve da fome terminou.

Pode dizer-se que terminou com grandeza moral, com excepção da nobreza de alma, o gesto desesperado dos presos do forte de Sacavém.

Os presos por questões sociais do Limoeiro e os que se encontram em tratamento de ferimentos, sob prisão no hospital de S. José, estavam na disposição de secundar a greve da fome por solidariedade. Não chegaram a efectivar tam nobre intento, pelo facto de ela ter terminado no forte de Sacavém.

A greve da fome também foi declarada no forte de S. Julião da Barra na prisão dos marinheiros. Não aderiram os operários da prisão dos sargentos, por discordarem dela em absoluto.

A greve geral foi proclamada na passada quinta-feira na reunião do conselho de delegados da U. S. O. que às 21 horas se iniciou. O operariado teria conhecimento da sua proclamação pela A Batalha e por algumas proclamações, que apressadamente, a última hora, foram impressas. Porém, o governador civil ordenou que a A Batalha fosse impedida de circular, tendo a policia cercado a casa da máquina.

O camarada redactor que se encontrava de piquete, dirigiu-se ao governo civil a fim de reclamar que fosse suscitada uma inquérito mediático sobre a prisão do secretário do sr. governador civil e declarou que o jornal tinha sido apreendido pelo facto de trazer a declaração da greve geral. O nosso camarada fez-lhe sentir que todos os jornais noticiavam a proclamação da greve.

Pois são todos apreendidos — volveu a autoridade distrital.

Mas não foram, tendo sido A Batalha o único jornal que sofreu as iras do governo civil.

Na sexta-feira, de tarde, o sr. governador civil alegou que o jornal tinha sido apreendido pelo facto de vir escrito em linguagem despezada.

Parece-nos escusado dizer que semelhante afirmação foi facilmente rebatida. A apreensão de A Batalha que dava conhecimento da greve geral ao operariado e dos manifestos que a proclamavam impediu a extensão do movimento e a generalização da greve.

A greve estendeu-se a Almada onde foi geral, sem excepções, Montelavar, Cascais e Parede e outras localidades circunvizinhas de Lisboa.

No Porto chegou a ser votada em principio a greve geral.

A maioria dos jornais não se publicou. O Século, edição da noite, publicou apenas duas páginas, sendo uma de fotografias e outra de composições. Trazia o aspecto dum semanário, sendo em grande numero as suas deficiências. Em vez de nos aparecer noticioso, ada-

Em virtude de grande número de operários se encontrarem em liberdade e mais libertações se irem efectivar, foi deliberada a terminação da greve geral pelo respectivo comité.

### Ao povo trabalhador

## Camaradas! Regressemos ao trabalho!

O operariado consciente de Lisboa e arredores acabou de evidenciar eloquentemente o seu veemente sentimento de solidariedade em prol dos presos por questões sociais!

Muitos deles encontram-se já em liberdade, devido sem dúvida a solidariedade prestada, e são já poucos os que não saíram ainda, devido a umas pequenas formalidades.

Mas a autoridade comprometeu-se a que aos restantes lhes será dado um rápido destino, isto é, remetidos a tribunal ou restituídos à liberdade!

A comissão nomeada pela U. S. O. continua a tratar da liberdade dos detidos por motivo deste movimento.

Sendo assim, os comités ponderaram que o gesto praticado, como solidariedade aos presos por questões sociais, constituiu uma bela afirmação do operariado consciente, que marcou como verdadeira manifestação de ordem moral!

Apreciados, pois, estes factos e não havendo vantagem na continuação deste movimento, resolveram os comités que se retome o trabalho.

Operários conscientes!

Cumprido o nosso dever, regressemos ao trabalho, lembrando sempre o grito que acompanhou este movimento: Viva a liberdade!

O COMITÉ.

Santos, Vicente Barbosa, José dos Santos, Azevedo, António Tavares, Tomás Martins Amaro, João Duarte, João Baptista Duarte, Luis Rodrigues, Custódio António, Franklin Henriques, Redolfo Augusto de Reis, Afonso Henriques, José Gonçalves, Carlos Martins, Luis Jacinto, Manuel Batala, Francisco Nobrega Quintal Júnior, Carlos de Abreu, António Maria das Dores, Henrique de Paiva, sendo enviado para o Limoeiro António de Castro.

Também foi preso, encontrando-se no governo civil, o industrial sr. José dos Santos.

O protesto do proletariado

Pessoal da Imprensa Nacional

O pessoal, grevista da Imprensa Nacional envia as mais fraternas saudações a todos os camaradas libertos e aqueles que ainda estão a ferros, continuando a afirmar-lhe a sua solidariedade, esperando que em breve lhes seja dado respirar a liberdade.

Sindicato dos Corticeiros

Reuniram tendo protestado contra a detenção criminosa de operários nos fortes do Campo Entrincheirado, deliberando não retomar o trabalho sem que eles sejam postos em liberdade.

Sindicato dos Caixeiros

A direcção enviou ontem telegramas ao presidente da república e presidente do ministério, protestando contra as perseguições que se estão efectuando, reclamando a liberdade dos presos, acompanhando por esta forma a restante organização proletária nos seus protestos.

Sindicato dos Tanoeiros

Reuniu-se extraordinariamente para aprovar a atitude agressiva do governo, sendo deliberado protestar contra o injusto encarceramento de operários nos fortes. Enviou ao presidente da república um telegrama de protesto.

Pessoal extraordinário dos Tabaccos

Reuniu em assembleia geral, tendo protestado energicamente contra as violências que o governo praticou contra a classe operária.

Empregados menores dos Correios e Telégrafos

A direcção reuniu, resolvendo protestar energicamente contra as arbitrariedades.

VILA VIÇOSA E ARREDORES

Sindicato dos Trabalhadores Rurais

Reuniu em assembleia geral tendo



protestado energicamente contra as arbitrariedades governamentais.

S. TIAGO DO CACÉM

**Contra a revoltante atitude do governo**

S. Tiago do Cacém, 5. — Tem aqui causado — entre os operários conscientes — justa indignação, a revoltante atitude do chefe do governo para com a classe operária. António Maria da Silva, atropelando a própria constituição do regime de que é serventista, não tem pejo em calcar e espinhar todas as garantias, todas as liberdades. Tudo para glória dos monárquicos e reacçãoistas.

Bem dizia há tempos um semanário republicano do Norte: — «isto já não é república, não é nada; mas, tão somente — uma grande salgadeira de muito azul e branco com quasi nada de verde e vermelho».

Bate certo. — C.

ALJUSTREL

**O operariado protestou junto da autoridade contra as arbitrariedades prisões de operários**

Aljustrel, 6. — T. — O operariado que trabalha nas minas de Aljustrel protestou perante a administração do concelho contra as arbitrariedades prisões de operários nos fortes, sem culpa formada. Nessa manifestação tomou parte o Sindicato Unico Metalúrgico e Sindicato dos Mineiros. — Alves.

MESSINES

**Corticeiros**

Reúnem, tendo condenado vibrante e arbitrariamente a detenção dos operários nas masmorras da república.

**Sindicato da Construção Civil**

Reúnem em assembleia geral, tendo verificado com indignação o seu protesto contra as prisões de operários, tendo enviado ao presidente do ministério um telegrama, reclamando a sua libertação.

EVORA

**Corticeiros**

Reúnem esta classe em assembleia geral que protesta contra as perseguições à classe operária. Foi formulado um protesto nesse sentido, junto do governador civil e enviado um telegrama de protesto ao chefe do governo.

OLHÃO

**Um telegrama de protesto**  
OLHÃO, 8. — T. — Soldadores reunidos em sessão permanente protestam contra as violências exercidas contra elementos da classe operária. — (a) Dias.

NO PORTO

**A classe dos carregadores e descarregadores de terra e mar, ao tratar dos seus interesses profissionais, aprova, por unanimidade, um vemente protesto contra as perseguições governamentais e saúde os presos de Sacavém e S. Julião da Barra**

Para continuação dos trabalhos pendentes da última reunião, efectuou-se uma assembleia geral dos carregadores e descarregadores de terra e mar do Porto e Gaia.

Em primeiro lugar, o camarada Joaquim do Carmo referiu-se à forma verdadeiramente despótica e sistemática como o governo está perseguindo as classes trabalhadoras, levando a sua fúria ao ponto de, calcando no tacho da sua bota neriana a Constituição esfarrapada da República, conservar indefinidamente dezenas de operários, sem culpa formada.

Esclarecida a assembleia dos atropelados governamentais desde 1910 para cá, em que o operariado tem sofrido a mais dura desilusão, foi aprovada, por unanimidade, a seguinte moção-protesto:

«Considerando que nos fortes de Sacavém e S. Julião da Barra, bem como em outras prisões do Estado, se encontram encarcerados algumas dezenas de operários, há vinte e tantos dias sem culpa formada, pois nenhum delicto cometeram que afrontasse as leis desta república republicana; considerando que a conservação desses camaradas presos nas prisões republicanas é um vil atentado vibrado na Constituição Política, pedra angular em que assenta este regime falsamente democrático; considerando, finalmente, que o governo presidido pelo sr. António Maria da Silva se esquece de que a sua perseguição feroz, quasi canibalesca, ainda mais faz revoltar as consciências, mesmo as mais pacatas, provocando a desordem em vez da ordem — quem sabe até se com intuíto reservados para pôr em prática uma monégica chacinna; os carregadores e descarregadores, reunidos em assembleia geral extraordinária, resolvem: saldar fraternalmente todos os operários presos e enviar um protesto ao governo reclamando a imediata liberdade das suas vítimas».

O protesto que foi enviado ao governo é concebido nestes termos: «Ex.º Sr. António Maria da Silva, presidente do conselho de ministros, Lisboa — A classe dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia, reunida em assembleia geral extraordinária, ponderando a forma agressiva como s. ex.º vem perseguindo operários que nenhum crime cometeram, resolveu, por unanimidade de votos, lavrar o seu mais vemente protesto contra tal procedimento, reclamando a imediata liberdade de todos os operários arbitrariamente encarcerados. E se a outro assunto, desejamos-lhe saúde e recondução».

Na U. S. O.

Na União dos Sindicatos Operários do Porto, como consta da correspondência, inserida na 3.ª página, resolveu intensificar o movimento naquela cidade, solidarizando-se com a sua congénere de Lisboa a favor dos presos.

**Sindicato dos Confeiteiros e Anexos**

Reúnem em sessão magna para apreciar as propostas governamentais, tendo sido aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Enviar um protesto ao presi-

dente do ministério contra as arbitrariedades detenção de operários e reclamar a sua imediata libertação.

2.º — Solidarizar-se com a atitude da U. S. O. de Lisboa.

3.º — Dar todo o apoio a qualquer movimento que a U. S. O. do Porto organize.

4.º — Saludar os camaradas presos vítimas das prepotências governamentais.

**Sindicato dos Barbeiros**

Reúnem tendo verificado com indignação a despótica atitude do governo. Protestou vibrantemente contra as iníquas detensões de operários nas masmorras da república.

**Sindicato Unico Metalúrgico**

Reúnem tendo condenado vibrante e ilegalmente a detenção de operários, tendo enviado um telegrama de protesto ao presidente do ministério.

**O Sindicato Unico dos Operários da Indústria do Vestuário**

protesta contra as perseguições governamentais.

Em assembleia magna fartamente concorrida, reuniram os operários da indústria do vestuário.

O principal fim da reunião foi para apreciar o estado das perseguições que o actual governo democrático tem movido a dezenas de operários, apenas por eles, conscientemente, perfilarem ideias de emancipação humana. Após diversos e vibrantes discursos de vários oradores, que causticaram vemente os ignóbeis atentados vibrados à liberdade de pensar e de reunião, antiestes dos verdadeiros princípios democráticos, a assembleia magna aprovou, por unanimidade, o seguinte protesto, que foi endereçado ao presidente do ministério:

«Os operários da indústria do vestuário do Porto, reunidos em sessão magna no seu sindicato profissional, examina o seu mais formal e energico protesto contra a feroz perseguição de que estão sendo vítimas de dezenas de camaradas, que se encontram a ferro e a fogo, pelo único crime de serem produtores em geral, porque vivem nesta monstruosa injustiça uma sistemática manobra tendente a exterminar a organização sindicalista que se há de manter, custe o que custar».

A reunião aos vivos à liberdade, à organização operária, C. G. T., etc.

**Outros protestos**

**Juventude Socialista — Núcleo Ocidental**

Reúnem os corpos gerentes que protestaram vemente contra o ilegal cativo de operários nos fortes do campo entrançado. Deliberaram protestar contra a proibição do comício promovido pela U. S. O.

**Camarada, fixa bem**

Para comprar calçado precisas uma casa que te sirva honestamente? Pois não hesites, procura o

PAVILHÃO AMERICANO

R. Marques do Alegreto, 77

**Solidariedade pelo Luiz B. de Carvalho e F. Bento da Cruz**

**A organização operária e as classes trabalhadoras do país**

Vítimas pelo seu muito trabalho em prol da organização sindicalista revolucionária, encontram-se prostrados por uma tenaz doença os valiosos militantes operários Luís António de Carvalho, empregado da Carris, perseguido pela respectiva administração e Francisco Bento da Cruz, fabricante de calçado. Infelizmente, estes camaradas doentes encontram-se também a braços com uma grande falta de recursos, motivo pelo qual não podem tratar-se convenientemente do terrível mal que os flagela.

E' nestas tristes circunstâncias que a comissão nomeada na última reunião do conselho federal da União dos Sindicatos Operários, para tratar da precária situação daqueles activos militantes da causa da emancipação dos trabalhadores, apela para a solidariedade da organização operária e classes produtoras do país, certa de que o seu apelo não ficará em vão, visto que se trata do amparo, não só dos referidos propagandistas, mas simultaneamente das suas famílias. — Porto, 4 de abril de 1922. — A comissão, Inácio dos Santos Viseu, Felisberto Baptista, Teodoro Teixeira Ribeiro, Joaquim do Carmo e João da Silva Guimarães.

**Aos nossos assinantes de Lisboa**

Solicitamos aos nossos estimáveis assinantes de Lisboa a fineza de prevenirem as suas famílias, afim destas satisfazerem as importâncias das suas assinaturas, evitando assim que o cobrador tenha que o procurar várias vezes, o que agrava as precárias finanças de A BATALHA.

**Na U. S. O.**

Reúnem em sessão magna para apreciar as propostas governamentais, tendo sido aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Enviar um protesto ao presi-

## AS GREVES

**Operários mobiliários**

Continua com firmeza a greve dos operários desta indústria nas casas que ainda não cedem. Na assembleia ontem realizada constatou-se que o moral dos grevistas continua sendo bom, mantendo a máxima união entre si.

Apreciou umas locais inseridas num jornal da manhã que diz pretender a classe estabelecer um acordo entre as duas partes, que por motivo da greve geral esta greve voltava à primeira forma e que os grevistas haviam pedido a intervenção do governador civil, as quais pecam por tendenciosas, porquanto a greve prosseguirá nas casas que não cedem às reclamações e o Sindicato Unico do Mobiliário, fiel à tática sindicalista revolucionária, não recorre a terceiros para a solução deste conflito.

Devido à suspensão forçada do jornal A Batalha e consequente suspensão das «notas» orientadoras do movimento, saiu ontem em manifesto a seguinte nota do comité da greve:

**Aos operários do mobiliário**

Camaradas: Pretendem os nossos patrões, aqueles mesmos que conhecemos e comparamos a ceder o aumento reclamado, reabrir as oficinas na próxima segunda-feira para que nós, já vencidos pela fome, nos apresentemos sem condições.

Aos nossos camaradas do Porto, que também se encontram em luta, já a «Patronal» fez constar, que haviamos perdido a greve e que acedíamos a condição de não fazer mais greves!

Mentrosos! Tartufos! Demonstrai, operários do mobiliário, que não estais dispostos a trair o pão dos vossos filhos!

Demonstrai que não estais dispostos a curvar-vos ao chicote e ao escárnio dos vossos verdugos!

Desprezai a reabertura das oficinas e grital bem alto:

«— Voltaremos ao trabalho quando nos for garantido o que reclamamos!»

Avante até vitória!

O Comité Central da Greve.

**NOTA DO COMITÉ**

Camaradas: A luta que bravamente temos sustentado contra a cobardia renitência de alguns industriais vai enfim — segundo informes que chegam a este comité — a caminho de solução vitoriosa.

Alguns Industriais, conhecedores do logro a que tem sido arrastados, mostram-se dispostos a reabrir as suas casas no princípio da próxima semana, sendo de esperar que os restantes se disponham a abandonar este jogo nefando que alguns prejuízos já lhes tem causado.

A intervenção no nosso conflito da estragadora de greves, vai liquidando como esperávamos, pois que já alguns lojistas entenderam por bem não acrescentar aos prejuízos sofridos o pagamento de joia e cota para manutenção daquele estado.

Operários do mobiliário: Perante a atmosfera asfixiante que paira sobre a organização proletária, cumpri o vosso dever de operários conscientes.

Quando fundar o movimento geral de solidariedade para com os nossos camaradas que na prisão sofrem o jugo desta tirânica república e possam voltar ao trabalho nas casas que já cedem, tendem sempre em conta que os vossos negar a manufatura mobiliária para aqueles industriais ou lojistas que, fingindo aderir ao lock-out, procuram mandar fazer mobilias a ocultas. Procurai, pois, saber, sempre a quem se destina o mobiliário que vos distribuem para manufatura.

Este comité acaba de receber dos nossos camaradas mobiliários do Porto, que também estão em greve em algumas casas, uma consulta pela qual se vê que a patronal fez lá constar que a vossa greve foi solucionada, entrando nos nas oficinas sem condições e sob a declaração de que jamais faremos greves.

Mentira!

(Os operários do mobiliário em Lisboa continuam a afirmar a sua unidade e disposição de manter esta greve até conseguirem vitória, e de futuro travarem novas lutas sempre que a isso sejam provocados! Daqui indiciamos os camaradas do Porto a lutar até conseguirem vitória, desprezando todos os boatos tendentes à desmoralização.)

Proseguir, como até hoje, solidários e decididos na luta, que em breve a vitória virá coroar os nossos sacrificios!

Firmes como no primeiro dia, seguir e demonstrar que tudo preferis, menos entrar nas oficinas sob o risco dos nossos verdugos que afirmam vencer-nos.

Abaixo a exploração! Viva a greve!

O Comité Central.

A assembleia de hoje é às 14 horas, sendo indispensável a presença de todos

**Liga Pró-Moral**

Realiza-se hoje domingo a quinta festa anual desta instituição de proteção à infância, fundada há cinco anos. A festa terá lugar, pelas 14 horas, no Teatro Gil Vicente, generosamente cedido para o efeito, começando por sessão solene, presidida pelas sr.ª D. Maria Angélica Viana Pêlo, sendo oradores o dr. Carneiro de Moura, Agostinho Fortes, D. Maria O'Neill, D. Margarida Marques, Fernandes Alves, César dos Santos e António Pereira. Seguir-se-á hara musical e dramática, desempenhada pelos artistas do Teatro Gil Vicente, sendo o programa do sara elaborado pelo distinto actor Francisco Moreira. A Liga Pró-Moral, que de ano para ano tem progredido mais, veste e calça este ano 33 crianças.

A guarda no teatro, durante a festa, é feita pelos escolheiros do Asilo Maria Pia.

**Instituto de Cegos Branco Rodrigues**

No dia 17 do corrente termina o prazo para a entrega na sede da Companhia Carris de Ferro, dos bilhetes de 149,9, que continham o aviso de reembolso de 0,1. Depois desse dia não tem nenhum valor esses bilhetes.

Por isso os protectores desta instituição podem entregar, antes dessa data, os bilhetes que possuem nos estabelecimentos que se proliferaram generosamente a recebê-los.

Estes estabelecimentos continuam depois a aceitar donativos em dinheiro ou em géneros, com que os beneficiários dos cegos queiram contemplar esta instituição de ensino especial.

**Classes que reclamam**

S. U. C. C. — Comissão Profissional dos Pintores

Em reunião desta comissão foi deliberado convocar uma reunião magna, sócios e não sócios, para a próxima terça-feira, às 20 horas, para se tomar resolução respeitantes à reclamação de aumento de salário.

**Jornal "O Livre Pensamento"**

São convocados a reunir na próxima quarta-feira, dia 12, pelas 21 horas, na Associação do Registo Civil, largo do Intendente, todos os subscritores do jornal O Livre Pensamento, para deliberar sobre assuntos importantes que com o mesmo se relacionam.

os operários da indústria para apreciar assuntos importantes e urgentes.

**Os amarelos**

A propósito da notícia que há dias publicamos com esta epigrafe, procurou-nos o operário João Manuel Lugar, que trabalha na oficina de Baltazar J. da Silva, no Caminho do Forno de Tijolo, 16, para nos declarar ser falso, no que lhe diz respeito, haver atraído a greve dos operários mobiliários.

**Condutores de carroças**

Releu esta classe com grande concorrência, tomando conhecimento de cerca de 30 adesões e de que foi absolvido o camarada Alberto Pereira, estando a defesa a cargo do dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T.

Constatou-se que o moral da classe é excelente.

Os assuntos respeitantes a este conflito passam a tratar-se na Travessa da Água de Flor, 16.

**Um gesto nobre**

A firma Morais & C.ª (Moca) mandou apresentar o seu pessoal para lhe dizer que retomasse o trabalho pelos antigos salários, com a promessa que depois os aumentaria.

Aquele pessoal teve o nobre gesto de lhe entregar as avenças das carroças e retiraram-se.

**Soldadores de Olhão**

Em reunião do conselho administrativo da Federação Metalúrgica foi apreciada, além da correspondência do Porto, Aljustrel e Peniche, que foi tomada em consideração, uma comunicação do Sindicato Metalúrgico de Olhão de que os operários da secção de Conservaria se encontram em greve geral por aumento de salário, resolvendo-se dar todo o apoio moral.

Do mesmo tempo esta Federação previne todos os metalúrgicos do ramo de Conservaria que não devem ir para aquela localidade trabalhar enquanto o movimento não estiver solucionado.

**O PORTO**

**Metalúrgicos**

A greve parcial da classe dos ourives de prata tem-se mantido heróicamente. Longe dos trus dos industriais fazerem enfraquecer o ânimo dos grevistas e da restante classe, ele ainda mais se revigora, dando provas de uma energia rara. Tem causado, de facto, admiração a atitude daqueles operários, cuja intransigência tem sido bastante contida pelos industriais e quem sabe lá se até admiram por eles. Quando julgavam que a classe dos ourives de prata se encontrava embaraçada com o sustento em luta do pessoal das casas que já estavam fechadas, o comité resolveu proclamar a greve em mais duas: Manuel de Almeida Júnior e José Joaquim Ferreira da Silva, por estes industriais não terem cedido às reclamações que lhes foram enviadas.

Ora isto demonstra que os operários da indústria de prataria possuem um conscientismo admirável, que desejamos que ele se mantenha até ao fim, para que os industriais saibam que não se amesquinha impunemente o operariado.

Os operários da especialidade de ferro não tem ainda terminado o seu conflito, devido aos industriais das últimas casas se conservarem renitentes. Numa reunião efectuada, foi deliberado que toda a classe da secção de ferro fizesse sentir, por intermédio de uma comissão, ao chefe do distrito, que declinava a responsabilidade do que possa suceder em face da irreducibilidade dos patrões. O governador civil, é claro, encolheu os ombros. Também resolveu a mesma classe prestar toda a solidariedade ao pessoal grevista que ainda permanece no seu posto.

Os operários da secção de esmaltação, folha branca e correlativas, que há semanas igualmente vinham reclamando, pacificamente, aumento de salário, sem obterem uma resposta satisfatória, terminaram, numa reunião magna fortemente concorrida e entusiástica, por proclamar a greve parcial, a principal na fábrica de Esmaltagem do Norte, Limitada.

**A dos tipógrafos**

Alguns industriais de tipografia tem insistido nas suas demarches para ver se conseguem a prática do seu sonhado lock-out. Debalde, porém, os seus esforços, o que os tem irritado sobremaneira. Maior irritação sentem, porque o pessoal tipográfico das casas ainda em greve, nas suas reuniões havidas, tem continuado a manifestar a sua intenção de seguir-se até ao fim. Na verdade, entre esse pessoal, a solidariedade mantém-se. Alguns tipógrafos tem partido para fora, no intuito de lá trabalharem até que o conflito termine, porque já vão empregados.

**Novela Vermelha**

Julião Quintinha, o festejado autor dos VIZINHOS DO MAR, cujo successo estrondoso os jornais veem registando dia a dia, acaba de publicar na nossa interessantíssima colecção A NOVELA VERMELHA um trabalho literário do grande valor a que deu o sugestivo título de DOR VITORIOSA.

Todos os admiradores de Julião Quintinha — que vem de revelar-se poderosamente com o seu livro VIZINHOS DO MAR — devem ler a DOR VITORIOSA, para conhecer o espirito bondoso e terno do autor.

DOR VITORIOSA é uma novela encantadora, muito simples, onde perpassa entrecortada de dor, infância, a revolta dum espirito idealista, que ama e aspira a uma sociedade melhor, mais justa, mais acolhedora para os humildes, para os infelizes.

Com este admirável trabalho fecha a 1.ª série de dez números da NOVELA VERMELHA que tantas simpatias tem despertado entre todas as classes sociais, nomeadamente a trabalhadora.

Pode dizer-se, pois, que a primeira série da NOVELA VERMELHA fecha com chave de ouro.

A DOR VITORIOSA encontra-se à venda na administração de A Batalha e em todas as livrarias e quiosques.

**ESPÓLIOS**

Nota dos indivíduos falecidos no estrangeiro e ultramar, cujos espólios foram entrados na Caixa Geral de Depósitos, durante o mês de Março p. p. Miguel da Guia, António Pereira Martins, Joaquim da Costa Louro Júnior, António de Melo, Albino Carlos Fernandes, Américo do Nascimento Esteves, António da Costa, João Luís da Silva, Manuel Francisco Ribeiro, Alvaro de Oliveira e José Maria Alves de Melo.

**Aos torneiros**

Aviram-se os operários torneiros de madeira, que não devem ir trabalhar para o Carfaxo, como pediu um anúncio publicado neste jornal, pois se trata duma vingança dum explorador, que não reconhece o horário de trabalho e vive da exploração de aprendizes.

**Falecimentos**

Acometido de uma congestão, faleceu Joaquim da Silva, vendedor no mercado da Ribeira Nova, pai do nosso camarada Joaquim da Silva Júnior, operário funileiro.

O funeral efectua-se hoje, pelas 15 horas e meia, da morgue para o cemitério do Alto de S. João. A todos os camaradas que possam acompanhar o feroz a família agradece.

**Os que morrem**

**Falecimentos**

Acometido de uma congestão, faleceu Joaquim da Silva, vendedor no mercado da Ribeira Nova, pai do nosso camarada Joaquim da Silva Júnior, operário funileiro.

O funeral efectua-se hoje, pelas 15 horas e meia, da morgue para o cemitério do Alto de S. João. A todos os camaradas que possam acompanhar o feroz a família agradece.

**Aos torneiros**

Aviram-se os operários torneiros de madeira, que não devem ir trabalhar para o Carfaxo, como pediu um anúncio publicado neste jornal, pois se trata duma vingança dum explorador, que não reconhece o horário de trabalho e vive da exploração de aprendizes.

**Falecimentos**

Acometido de uma congestão, faleceu Joaquim da Silva, vendedor no mercado da Ribeira Nova, pai do nosso camarada Joaquim da Silva Júnior, operário funileiro.

## Pessoal da Carris

**A reabertura do Sindicato**

Segundo a afirmação do governador civil, à comissão de melhoramentos do pessoal da Carris, aquela autoridade comprometeu-se a mandar reabrir hoje, a sede do respectivo Sindicato, tendo feito ontem entrega dos livros aprendizados quando da busca que ali passaram as autoridades.

**Nota oficiosa da Comissão de Melhoramentos**

Presados camaradas: Não tem esta comissão descuidado os assuntos em que está empenhada para os solucionar, como sejam: readmissão dos camaradas demitidos, libertação dos camaradas presos e reabertura do sindicato, não lhe tendo ainda sido possível conseguir uma solução satisfatória para os primeiros casos.

Sobre a reabertura do sindicato tem esta comissão o compromisso do governador civil de que mandará hoje retirar os selos e fazer a entrega da chave. Já ontem esta comissão recebeu da mão daquela entidade os livros que tinham sido apreendidos quando da busca ali passada. Quanto ao primeiro assunto não pode esta comissão compreender a razão por que a Companhia de demitisse tam grande número de pessoal, pois não há razão plausível que tal aconselhe. É só justifica tal atitude uma vingança mesquinha, visto que esta entidade está prejudicando centenas de famílias e o público em geral, porque não tem carros para se transportar e, ainda a Companhia está afectando os seus interesses, pois que está dando serões e horas extraordinárias ao pessoal que tem ao serviço. Isto só significa vingança mais nada. Perguntamos: Já o director inglês se esqueceu de uma afirmação que fez a esta comissão de que quanto mais novo pior? Se fez esta afirmação com consciência, precisa do pessoal. Por que não o chama? Chamamos a atenção do público para tam grande arbitrariedade.

Ainda lembra esta comissão que se encontram no grupo C do Limoeiro, 6, camaradas que podem ser visitados das 12 às 14 horas, e no governo civil, calabouço 2, encontram-se também os camaradas A. Marques e J. Garcia.

Os camaradas demitidos devem comparecer na nossa sede às 17 horas de hoje, e a comissão pró-se deve reunir às 15,30, devendo comparecer todos os seus componentes.

**Gestos policiescos**

Pelas 18 horas de ontem, passava pela rua da Palma um camião dos Correios e Telégrafos conduzindo as respectivas malas para o comboio do sul. Na altura da rua Martim Moniz seguia em sentido contrário um eléctrico, e o «chauffeur» do camião, José Pereira, fez um pequeno desvio, mas o polícia 1172, da esquadra da Mouraria, que ali estava de serviço, mandou-o parar.

Como o camião necessitava avançar com o correio, o polícia impediu-o, agredindo o «chauffeur» com uma cutilada. O servente dos correios José Pinto, que vinha também no carro, exprobou o procedimento do guarda, recebendo uma cutilada num braço. Em seguida prendeu o «chauffeur», demonstrando assim o correio, que chegou meia hora mais tarde à estação do Terreiro do Paço.

**A Novela Vermelha**

Julião Quintinha, o festejado autor dos VIZINHOS DO MAR, cujo successo estrondoso os jornais veem registando dia a dia, acaba de publicar na nossa interessantíssima colecção A NOVELA VERMELHA um trabalho literário do grande valor a que deu o sugestivo título de DOR VITORIOSA.

Todos os admiradores de Julião Quintinha — que vem de revelar-se poderosamente com o seu livro VIZINHOS DO MAR — devem ler a DOR VITORIOSA, para conhecer o espirito bondoso e terno do autor.

DOR VITORIOSA é uma novela encantadora, muito simples, onde perpassa entrecortada de dor, infância, a revolta dum espirito idealista, que ama e aspira a uma sociedade melhor, mais justa, mais acolhedora para os humildes, para os infelizes.

Com este admirável trabalho fecha a 1.ª série de dez números da NOVELA VERMELHA que tantas simpatias tem despertado entre todas as classes sociais, nomeadamente a trabalhadora.

Pode dizer-se, pois, que a primeira série da NOVELA VERMELHA fecha com chave de ouro.

A DOR VITORIOSA encontra-se à venda na administração de A Batalha e em todas as livrarias e quiosques.

**ESPÓLIOS**







## Serviço de livraria

## A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia, higiene e esportivo; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais \$10 para registro.

Auxilia-se a Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livraria de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR  
Lisboa-Portugal

## Calçado

Procuram como quiserem: na

## Sapataria do Calhariz

vende-se tudo isso muito mais barato.

Há quem queira botas

de superior calif preto ou

de cor, a. 20\$00?

Botas da moda com 2 solas

corridas, salto razo, a. 31\$50?

Botas de calif preto com 2

ponteados, resistente a to-

do o tempo a. 31\$00?

Sapatos de superior calif

preto para senhora, a. 11\$00?

Sapatos de verniz desde 16\$00?

Etc., etc., etc.?

Há, mas só na

## Sapataria do Calhariz

Verifiquem que não perdem com isso.

33, Largo do Calhariz, 33

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Quereis o vosso

relógio con-

cerado com garantia e por

preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJEIRO

E OUVIVES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.ª

A grande Baixa de Calçado

Sapataria Social Operária

Sapatos em calif-preto para senhora

11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos

20\$00

Botas calif-preto grandes e salo

24\$00

Botas calif-preto com duas so-

las 22\$50

Grande saldo de botas bran-

cas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado

para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-

ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra

Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 66

## A Novela Vermelha

Publicação literária mensal

COLABORADORES:

Manuel Ribeiro, Mário Domí-

ngues, Aquilino Ribeiro, Nogueira

de Brito, Sobral de Campos, An-

gusto Machado, Perfeito de Car-

valho, Cristiano Lima, Bento Fa-

ria, José Benedit, Gonçalves Cor-

reia, Julião Quintilha, e outros

Publicado:

N.º 1 - A Expição - por Manuel Ri-

beiro.

N.º 2 - Sangue Fidalgo - por No-

gueira de Brito.

N.º 3 - Hugo, o pintor - por Mário

Domingues.

N.º 4 - Dois fios - por Sobral de

Campos.

N.º 5 - Impossível redenção - por

Augusto Machado.

N.º 6 - A Escola de Nun'Alvares

- por Cristiano Lima.

N.º 7 - Anastácio José - por Mário

Domingues.

N.º 8 - A Ciência Redentora -

por José Benedit.

N.º 9 - O mestre geral - por Jesus

Peixoto.

N.º 10 - Dor Vitoriosa - por Julião

Quintilha.

Preço por número \$25

Assinatura, série de 10 números

2\$50 pagamento adiantado

Locais de venda

Lisboa: quiosques, tabacarias e

livrarias. Porto: redacção de

A Comunidade. Coimbra: Livra-

ria Lumen, Tabacaria Pátria, e

em casa de Manuel Bernardo

Ferreira, terceiro da Erva. Nou-

tras localidades nos agentes de

A Batalha.

A Renovação

Revista brasileira

REÇO \$30 - PELO CORREIO \$35

## Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes  
Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático

dos inaladores.

2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caria

dentária e por isso as pessoas que tem de suportar discursos duvidosos porque as

defende de contágios perigosos.

3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas astmáticas ou que sofrem de

bronquites crônicas porque limpando o pigarro abrem-lhes o apetite e permitem-lhes

sonos reparadores seguidos.

4.º Limpando o pigarro, combate o rouquidão, alivia a voz e fortalece as cordas

vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público.

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias

dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro

gastrico.

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitan-

do a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.

7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o

fumo saudável o ambiente e inala-se em todas as células das vias respiratórias, per-

suadando as doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia,

difteria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO

Medicamento de ex-

celente na cura da

fraqueza geral, fra-

queza cerebral, as-

siando a memória e evi-

tando a neurastenia.

Os seus maravilhosos

efeitos são abso-luta-

mente garantidos no tra-

tamento da anemia, tu-

berculose, fraqueza

geral, doenças do

coração e pulmões,

afecções nervosas, si-

tuções nocturnas, pro-

stração física, moléstias

irregulares, perdas semi-

naes, escorruços, linfa-

mas, raquitismo, afecções

musculares, digestões in-

regulares e fraqueza senil.

Tonico por excelência

do sistema nervoso e

muscular, multiplicando

as forças e evitando a

pobreza fisiológica

traduzindo-se o seu

efeito no aumento de

peso e das forças.

As pessoas que

habitam nos climas

quentes e as que se

dedicam ao sport

tem absolutamente

necessidade de in-

gerir uso de For-

miol com o fim de

evitar o esgotamen-

to físico derivado

do excesso de tra-

balha e do abuso das

forças. A distinta

classe medica faz

uso pessoal e na

sua clinica desde su-

perior medicamen-

to assim como mi-

lhares de pessoas

que se tomam tréado das doenças indicadas e sempre com optimos resultados. Não tem

dieta. A venda em todas as boas farmácias e drograrias. Preço: 5 escudos. Correo

até 3 francos, mais 50 centavos.

Depositar em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 6;

Azeiteiro, Rocio, 51; Quintana, R. da Praia, 191; Porto: Farmacia Lora, Praa da

peradisa, 124; Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 130; Santarém:

Farmacia Bastos, R. da Misericórdia, 121; Setúbal: Farmacia Oliveira, R. da Misericó-

rdia, 14; Braga: Instituto Galenico, Praa do Conde d'Agrolongo, 25; Évora: Far-

macia Ferro, R. João de Deus, 33; Faro: Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 50;

AFRICA OCCIDENTAL: S. Tomé: José Pedro de Foz, R. de Santo Antonio, 50;

Loanda: Serra, Annes & Irmão, Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL - Farmacia Albano

57, R. da Escola Politécnica, 59 - Lisboa

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos

e mesclas em cores lindíssimas

formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: - Rua do Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.º Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: - Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

ALFAIATE-MERCADOR

Grande sortido de lafeios para

homem e senho-

ra, comprados di-

rectamente nas

fábricas, o que

lhe permite ven-

der mais barato.

Grande varie-

dade de sobre-

tes e capas á

alemejana. Ca-

sacos para senho-

ra já confecio-

nados.

— AVIAMENTOS

— PARALFAIATES

Rua dos Fanqueiros, 255

SECCAO EDITORIAL DA BATALHA

Acaba de aparecer

A Propriedade Privada

— POR —

José Carlos de Sousa

Preço \$20

A venda nas livrarias e na

administração da Batalha:

BREVEMENTE

Inauguração da Secção de Calçado

NA

Havaneza do Sacramento

Rua do Sacramento, 19 e 21 (Alcântara)

O proprietário desta casa, António de S.

Junior, que é um dos muitos amigos de

A Batalha, aconselha o povo a procurar o

seu estabelecimento, pois que se encontra

a disposição de combater as assumpções

das trabalhadoras organizadas, mediante

o pagamento de cada par de sapatos, fa-

zendo um desconto de 500, e mais 100 por

journal A Batalha.

As cooperativas que se tornem responsá-

veis pelo pagamento dos seus sapatos, na

razão de 6 meses, far-se-ão as seguintes de-

contas:

500 para a cooperativa

5